



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

PROJETO DE PESQUISA

Identificação das condições de *boa ambiência* em cidades pequenas no entorno da cidade média “Caruaru-PE”.

Palavras chave:

Cidades pequenas, Cidades médias, Ambiência, Vivência, Tectônica vernácula, Espaço.

1. Resumo

Estudos cada vez mais sistemáticos sobre a “qualidade de vida” de cidades médias vêm surgindo no Brasil, em face das mudanças sociais, ambientais, de estrutura e infra-estrutura física que o crescimento econômico sem planejamento vem provocando. Esta pesquisa se propõe a identificar condições de *boa ambiência* (boa qualidade de vida) reconhecíveis em cidades pequenas que se avizinham dessas cidades médias e que sofrem a influência do seu crescimento econômico. A meta é identificar as qualidades ambientais, físico-espaciais, sócio-culturais que estas cidades pequenas ainda guardam e merecem ser reconhecidas como qualidades que devem compor diretrizes de planejamento e de projeto de melhoria urbana em cidades – médias e pequenas – interioranas.

2. Premissa

Identificar, a partir de uma compreensão fenomenológica, condições de *boa ambiência* em cidades pequenas que ainda não sofreram modificações drásticas em sua estrutura social e ambiental, por fazerem parte de pólos econômicos – cercanias de cidades médias.

3. Principais contribuições científicas

Do ponto de vista teórico:

- a) Construção do conceito “boa ambiência”;
- b) Construção do conceito de “tectônica vernácula”;
- c) Elaboração de identificadores de *boa ambiência* para cada uma das cidades e para a região estudada (as dez cidades do entorno de Caruaru).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP Salas 20-21 - CAC
 email: jubrite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

Do ponto de vista empírico:

- a) levantamentos físico-espaciais dos municípios estudados
- b) diagnósticos das condições ambientais dos municípios estudados
- c) experimentações projetuais elaboradas com autoridades e comunidades locais (workshop).

4. O problema a ser abordado

Historicamente, as cidades brasileiras buscam a cura de problemas surgidos do crescimento desordenado só depois que as perdas em seu patrimônio são notórias. São escassos ou mesmo inexistentes os registros de cidades de porte médio cujo crescimento tenha sido acompanhado e planejado de forma que a *boa ambiência* dos lugares e a *boa vivência* de seus habitantes sejam o princípio que norteia a consonância com o crescimento econômico. Entretanto, estudos que indiquem o crescimento econômico como incompatível à garantia de *boa ambiência* dos lugares são pouco conhecidos. Ao contrário, mesmo em países como o Brasil, que são movidos pela dinâmica financeira, a qualidade dos lugares é abordada como fundamento, nos documentos de planejamento das cidades.

Reportagem longa da Revista Veja de 1º de setembro de 2010, com o título de “Especial Cidades Médias”, apresenta cinco lições a serem aprendidas com aquelas cidades que já são consideradas pólos (ou metrópoles, como denomina a reportagem). São lições que expressam uma profunda surpresa dos habitantes e do poder público dessas cidades, frente às modificações que o crescimento acarreta (p. 120-125):

- 1) a necessidade de ser planejado o crescimento;
- 2) a busca pela independência econômica;
- 3) formar mão-de-obra qualificada;
- 4) garantir qualidade de vida;
- 5) desatar os nós do trânsito.

É, pois, característico das cidades que cresceram economicamente, ter de lidar com a realidade do surgimento de bolsões de pobreza; da falta de infra-estrutura que suporte as novas demandas – água tratada, energia, saneamento básico, coleta de esgoto, pelo menos; redes de saúde e de educação.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP Salas 20-21 - CAC
 email: jubleite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

Também é característico o crescimento econômico provocar, nas cidades brasileiras, um aumento substancial de veículos particulares e, com ele, um caos que é fruto da falta de preparação de rede viária que venha a comportar número e fluxo dessa nova demanda. Raramente acontece de ser planejada uma preparação para a mudança na maneira de se deslocar dos habitantes de um lugar em vias de crescimento. A mobilidade urbana tem se transformado em um dos principais temas de interesse de planejadores, de estudos de pós-graduação, tanto quanto o impacto causado pelo aumento da densidade e da verticalização construtiva. E essa é apenas uma de muitas mudanças de hábitos que ocorrem quando as cidades crescem.

Todavia, esses geradores de mudança de hábitos exigem uma compreensão de *habitar* que ultrapassa (sem delas prescindir) as necessidades de infra-estrutura básica, as dificuldades de deslocamento, para incidir na forma dos habitantes se relacionarem com a própria casa, com a rua onde moram: muda a maneira de construir, com o uso de padrões e sistemas diferentes daqueles típicos do local; muda a relação entre vizinhos; muda o hábito de adquirir gêneros de primeira, segunda, terceira necessidades; muda a forma de vivenciar os dias de lazer, os espaços públicos.

Descompasso entre desenvolvimento econômico e qualidade de vida gera novas relações comunitárias que incidem nas relações de uso e de afetividade dos habitantes com os centros urbanos primitivos e que transformam uma espacialidade vivida e uma paisagem pré-existente que deveriam ser compreendidas como um bem público.

Certamente, as cidades, como os seres vivos, do mesmo modo que nascem e crescem, também podem morrer (LYNCH, 1973). Não é inatural, esse processo. Mas desde que o ser humano deixou de ser nômade, desde que deixou de viver em bandos para viver em sociedades, a qualidade dos lugares que ele foi edificando para habitar passou a ser crucial, não circunstancial.

Esse é panorama reconhecível nas cidades médias de Pernambuco. Em função do *boom* de atividades econômicas, cidades se expandem às vezes em direções fisicamente inesperadas, áreas antes centrais perdem importância e até morrem e cidades que gravitam nos entornos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP Salas 20-21 - CAC
 email: jubrite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

dessas cidades médias também se modificam sob a mesma influência e se transformam radicalmente e quase sempre com perdas ambientais e vivenciais.

Esse é o contexto no qual se insere esta pesquisa: encontrar meios de captar a *boa ambiência* de pequenas cidades que fazem parte de entornos de cidades médias e ter uma compreensão sobre como persistem espacialidades construídas, paisagens naturais e mesmo alguns hábitos que se caracterizem como próprios das pessoas do lugar.

A idéia é que estas identificações sejam denotadoras de qualidades ambientais e vivenciais e que contribuam para:

- 1) Que cidades pequenas, reconhecendo a importância de suas peculiaridades, possam se desenvolver sem perdê-las, mas, ao contrário, valorizá-las;
- 2) Que esses modos de viver típicos possam contribuir para ações de melhoria urbana de cidades médias que já cresceram com perdas nas suas qualidades ambientais e vivenciais.

A pesquisa coloca em discussão a *boa ambiência* como noção qualitativa e operativa dos espaços em cidades pequenas. Com esta noção, explicitamente pretendemos lançar algumas idéias preliminares que sirvam de partida para um procedimento descritivo e interpretativo dos patrimônios existentes (físico, construído, social e econômico) dessas pequenas cidades, destacando seus centros urbanos como centralidades espaciais e sócio-culturais da comunidade.

Com a aplicação desse procedimento esperamos uma leitura interpretativa preliminar de pequenas cidades, à luz do conceito *boa ambiência*, abrangendo a base físico-territorial, ambiental, paisagística, arquitetônica e ações da comunidade sobre esta base. A leitura deve ser entendida como um conhecimento inicial integrado, expresso em esquemas gráficos:

- 1) Fotos de satélite com identificando aspectos físicos, ambientais, paisagísticas, arquitetônicos e vivenciais de cada cidade estudada;
- 2) Modelo tri-dimensional confeccionados com informações do território-ambiente urbano de cada cidade estudada;
- 3) Conjuntos temáticos geográficos das redes de comunicação, do assentamento urbano, das redes viárias, da morfologia das quadras e dos conjuntos arquitetônicos, da paisagem.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP Salas 20-21 - CAC
 email: jubrite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

Nessa leitura seriam explicitadas de modo simples aquelas qualidades locais da *boa ambiência* como bens da coletividade, algo produzido, aceito e referenciado como valor.

O universo a ser pesquisado – municípios dos vales do Ipojuca e do Capibaribe – e que se constituem como entornos de Caruaru, fica no Agreste pernambucano. Sua escolha se deve à dinâmica bem característica dos seus núcleos urbanos quando comparados com outras regiões do interior pernambucano. Composta por 16 municípios, o Agreste é a microrregião pernambucana que possui estrutura urbana mais consolidada, com razoável dinamismo no setor industrial e comercial, sobressaindo-se a cidade de Caruaru, a maior cidade do interior do Estado e com um centro comercial de importância inter-regional. Além do mais, é uma região que começa a oferecer aportes institucionais que podem vir a apoiar a viabilidade de uma pesquisa como esta.

Sobre a relação entre os propósitos desta pesquisa e aportes institucionais existentes

A relação com a Rede Brasileira de Estudos sobre Cidades Médias: Inovação, Desenvolvimento, Região - REDBCM

A REDBCM tem apoio financeiro do MCT e do Centro Celso Furtado, é um mecanismo de integração de pesquisas e de divulgação científica e pretende ser uma estratégia intra-universidades alavancada pela Universidade Federal de Pernambuco através do seu Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e do Desenvolvimento – D&R. Tem a intenção de integrar pesquisadores e respectivas pesquisas sobre cidades de porte médio e seus territórios de sinergia em todos os estados da Federação, calcada: 1) em um procedimento de troca de informações e de integração de resultados de pesquisas visando a uma compreensão integrada dessas áreas; 2) divulgação constantemente alimentada dos resultados das pesquisas em um portal interativo a ser confeccionado com a finalidade de também se constituir em uma espécie de banco de informações multidisciplinares sobre as cidades estudadas.

Em face deste contexto, esta pesquisa é uma proposta de estudar cidades pequenas que fazem parte do entorno de cidades médias, em consonância e somando-se aos estudos multi e inter disciplinares que vêm sendo feitos sobre as realidades dessas centralidades interioranas e que vêm sendo registrados pela Rede Brasileira de Estudos sobre Cidades Médias - RBCM. O

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP Salas 20-21 - CAC
 email: jubleite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura – LIA, um dos associados da Rede, vem se somar a esse esforço de construção de conhecimento sobre cidades médias.

Trata-se, no caso desta pesquisa do LIA, de buscar a compreensão do que denominamos de *boa ambiência* nas realidades de municípios vizinhos à cidade média de Caruaru, em Pernambuco, verificando, nos municípios estudados, suas peculiaridades ambientais, culturais, arquitetônicas, paisagísticas, para que se reconheça:

- 1 - impactos ambientais que os mesmos sofrem pela proximidade com o crescimento de uma cidade média;
- 2 – qualidades paisagísticas de seus municípios;
- 3 – qualidades tectônicas de seus núcleos edificados;
- 4 – maneiras peculiares de construir;
- 5 – maneiras de vivenciar os núcleos urbanos de suas populações;
- 6 – maneiras vivenciar o patrimônio histórico dos núcleos urbanos;
- 7 – maneiras de vivenciar o patrimônio ambiental dos municípios.

A relação com o Plano Hidro-Ambiental (PHA) das Bacias Hidrográficas dos rios Capibaribe e Ipojuca

O PHA, uma iniciativa do Governo de Pernambuco, tem por meta prover a gestão dos recursos hídricos, focados na solução dos problemas que afetam as áreas dessas bacias, de natureza hídrica, ambiental ou sócio-econômica. Entre os produtos do PHA, está a designação de planos de investimento para a região, entre eles, a Implantação de Parques Urbanos Municipais na Bacia do Capibaribe, denominado de “Janelas para o Rio”.

O plano justifica esta iniciativa pela preocupação com a proteção e recuperação da vegetação situada nas margens de rios, lagos, várzeas e reservatórios. Vegetação responsável pela estabilidade do solo e das margens, pela retenção de sedimentos e nutrientes, pela manutenção de *habitat* para conservação e regeneração das espécies, além de também servir como barreira de proteção contra usos indevidos nas margens. O PHA ainda explica que quando os recursos hídricos se avizinham de núcleos urbanos, então, eles fazem o papel de diminuir o escoamento superficial e conseqüentemente a erosão, reduzindo os danos causados por enchentes, já que

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP Salas 20-21 - CAC
 email: jubleite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

impede que habitações se instalem nessas áreas.

Uma meta do PHA é o Plano de Investimento denominado “Implantação de parques urbanos municipais na bacia do Rio Capibaribe – janelas para o rio”. Deste Plano, fazem parte os municípios de Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, e é considerada como um apoio significativo a esta pesquisa, ao se somar às metas de caracterizar as qualidades urbanísticas dos núcleos urbanos e da paisagem dos municípios que fazem parte deste universo de estudo.

A relação com o Plano de Preservação Brejo. Revisão dos parâmetros normativos do Centro Histórico da cidade de Brejo da Madre de Deus.

O Plano de preservação de Brejo, uma iniciativa da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE tem o objetivos atualizar e complementar parâmetros de proteção do Centro Histórico da cidade de Brejo da Madre de Deus, especialmente àqueles que dizem respeito ao tombamento e à indicação de ações de intervenções correlatas.

Por ser a única cidade cujo núcleo urbano foi reconhecido como sítio histórico, na região, o Plano além de ser importante instrumento de revisão da dimensão patrimonial do sítio tombado, permite identificar tendências de desenvolvimento urbano reconhecíveis em outros municípios vizinhos, pela consideração dos aspectos favoráveis e desfavoráveis desse tipo de crescimento. Seus métodos e abordagens de análise do sítio e de levantamento das características tipológicas de seu patrimônio construído é ums das referências metodológicas adotadas por esta pesquisa, além de ser a própria cidade de Brejo, um dos objetos do universo de estudo.

5. Justificativa

Do objeto de pesquisa:

Porque um estudo sobre cidades pequenas? Primeiro, porque as cidades pequenas de entornos de cidades médias podem crescer subitamente sob a influência que uma cidade média pode gerar em uma região e se repitirem problemas urbanos e ambientais das cidades médias e grandes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP Salas 20-21 - CAC
 email: jubleite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

Segundo, porque as cidades pequenas guardam valores que as cidades médias já tiveram e perderam justamente porque faltaram estudos que direcionassem um desenvolvimento com equidade (Agenda 21).

Viver na cidade grande não tem o mesmo sentido e compreensão de viver em cidades pequenas. Nessas cidades, as relações de vizinhança cabem na distância do raio de visão das pessoas do lugar. A espacialidade desses *lugares tem fronteiras visíveis* que garante formas de habitar diferentes daquelas observadas nas cidades grandes cujas fronteiras se perdem desse mesmo campo visual. Por outro lado, em um sistema econômico que baseia seu desenvolvimento nos ganhos de capital, não se pode esperar nem ter como meta, processos que diminuam o desenvolvimento da economia local. Nem, em consequência, diretrizes urbanísticas que barrem a ampliação do território urbano e de crescimento populacional.

Justificamos, pois esta pesquisa como um estudo que vem em auxílio do crescimento com equidade - respeita os costumes locais, preserva memórias e faturas humanas; um crescimento que não apenas não agrida o ambiente, mas o eleva à categoria de prioridade para a manutenção da qualidade de vida. Daí, a adoção uma compreensão fenomenológica de mundo; daí o apoio nas diretrizes da Agenda 21; daí se somar ao programa governamental “Plano HidroAmbiental das bacias hidrográficas do Capibaribe e do Ipojuca” e ao Plano de Preservação de Brejo.

Daí a diretriz de construir a noção “*boa ambiência*” para que ele se constitua em contraponto ao crescimento sem ordem, como base de planejamento, ao englobar as peculiaridades espaciais, paisagísticas e vivenciais dos lugares.

Daí a noção *boa ambiência* gerar a necessidade de construção do conceito *tectônica vernácula*, que não apenas pode dirigir ações de reconhecimento dos núcleos urbanos, como modos de construir característicos do lugar. Modos que podem, inclusive, uma vez compreendidos como “arranjos produtivos local”, se constituírem também em dinâmicas econômicas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP
email: jubleite@uol.com.br Salas 20-21 - CAC
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
Mestre em Filosofia – UFPE
email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

Da compreensão de *boa ambiência* como noção fundamental

Há permanências ambientais naturais e urbanas que são indissociáveis mesmo em face do tamanho e da riqueza sócio-econômica; e até mesmo em face de quebras de relações afetivas como as observadas quando de expansões urbanas. Mas também há permanências que podem persistir na dinâmica do crescimento urbano e sócio-econômico. Essas permanências, essas qualidades que caracterizam a espacialidade de um lugar podem ser reconhecidas:

- No patrimônio construído;
- No processo de edificá-lo;
- Na conformação da paisagem (construída + natural);
- Na vivência que sedimenta espécie de consciência de humanidade – seu *Unwelt* (Berthoz, 2005; Merleau-Ponty, 2000).

Esses fatores que se caracterizam como permanências de um lugar, são, na verdade, os próprios constituintes do espaço e, sua ausência pode inclusive se caracterizar como perda da *condição pública do espaço* (Lefèbvre, 2000), que permite processos ambientalmente degradantes.

O princípio fundador desta investigação e que motiva a existência do LIA é que o *espaço* evoca problemas amplos e que os conhecimentos advindos de campos disciplinares distintos podem influir ou mesmo colaborar na solução de problemas conceituais e metodológicos da ambiência de um determinado lugar, ótica que se apóia na base existencial que a fenomenologia denomina de ser-no-mundo/mundo vivido, e a partir dela reflete a transversalidade disciplinar que o espaço reivindica (BRITTO LEITE e GONÇALVES, 2009). Justificamos esse modo de abordar o *espaço* a partir da constatação de que no mundo contemporâneo, os conhecimentos acumulados, os avanços tecnológicos, o reconhecimento das diversas culturas, o surgimento da consciência dos problemas comuns que afetam a todos em escala mundial, tudo isso revela a fragilidade daqueles pensamentos que produzem conceitos unidimensionais, isolados e definitivos. Daí a busca por uma base conceitual e metodológica que recusa o isolamento e se apóia na observação das vivências dos lugares.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA

Prof. Maria de Jesus de Britto Leite
Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP
email: jubleite@uol.com.br

F. 55-81-21269303/21269771
Salas 20-21 - CAC

Prof. Gilson Miranda Gonçalves
Mestre em Filosofia – UFPE
email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

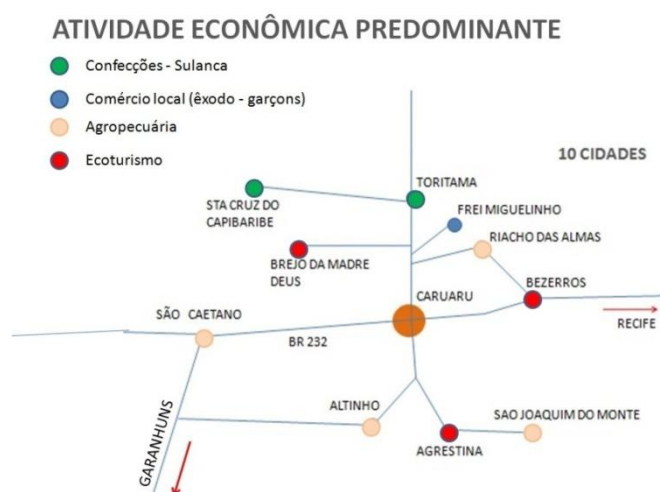
É dessa compreensão que partimos: da idéia de que a boa espacialidade (a ambiência vivenciada) de um lugar resulta de constituintes do espaço que o conforma, concretiza: **Território** (solo, afluentes, clima, abastecimento d'água, esgotamento sanitário, drenagem natural); patrimônio edificado; **tectônica local**; **características vivenciais** (comportamento + usos) e que requerem conhecimento transversal.

É com essa compreensão que selecionamos métodos e nos aproximamos de planos existentes para organizar os procedimentos e atividades que compõem a estrutura da pesquisa.

Dos municípios escolhidos

Os municípios escolhidos são aqueles que 1) fazem limites geográficos com o Município de Caruaru; 2) compõem o entorno da cidade média Caruaru. São dez: Toritama, Santa Cruz, Brejo da Madre Deus, Frei Miguelinho, Riacho das Almas, São Caetano, Bezerros, Altinho, Agrestina e São José do Monte. Alguns já estão em processo de desenvolvimento econômico forte e já sofrem mudanças em seu patrimônio construído e natural; em suas características espaciais, ambientais, vivenciais. Outros estão em vias de ampliar seu desenvolvimento e outros ainda estão isolados desse contexto. O Esquemas 1 dá uma idéia inicial do contexto no qual esta pesquisa se insere:

Esquema 1 - Municípios a serem estudados e suas atividades econômicas.



Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP
 email: jubleite@uol.com.br Salas 20-21 - CAC
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

São dez municípios que juntos, perfazem uma região com aproximadamente 500 mil habitantes. A diversidade de condições e de situações desses dez municípios pode propiciar observações fundamentais sobre a *boa ambiência*, principalmente em face às condições climáticas, paisagísticas e de estruturas urbanas similares (ver fotos da natureza e dos núcleos urbanos).

6. Objetivos e metas gerais a serem alcançadas

Objetivo geral:

Identificar condições de boa ambiência reconhecíveis em cidades pequenas que se constituem em entornos de cidades médias que possam ser consideradas como qualidades a serem buscadas no planejamento do crescimento das cidades pequenas e na melhoria urbana das cidades médias.

São objetivos específicos:

- 1) Construir um conceito de espaço - *boa ambiência* – que apreenda a complexidade do espaço social das cidades pequenas e que sirva como instrumento de pensamento e ação.
- 2) Identificar, classificar e caracterizar a *boa ambiência* em cidades pequenas que se constituem como entornos de cidades de médio porte:
 - ✓ Nos seus núcleos urbanos;
 - ✓ Na sua paisagem construída;
 - ✓ Na sua paisagem natural;
- 3) Reconhecer, a partir do conceito de *tectônica vernácula*, a compreensão de valor:
 - ✓ Nas formas de vivenciar o lugar;
 - ✓ Nas maneiras de construir os lugares ((sua tectônica).

São metas (produtos) deste projeto:

- a) Caracterização da qualidade urbanística dos núcleos urbanos estudados;
- b) Caracterização da tipologia construtiva dos núcleos urbanos estudados

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Britto Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP
 email: jubleite@uol.com.br Salas 20-21 - CAC
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

- c) Caracterização da qualidade paisagística dos municípios estudados;
- d) Análise de suas transformações; de fenômenos que resultem em prejuízos a curto e médio prazo aos municípios.

7. Fundamentação teórica

Para o exame do conceito **boa ambiência** foram estabelecidos os seguintes pontos:

a) Proposição:
Afirmção diretora que contenha possibilidades explicativas: **boa ambiência** são aspectos qualitativos constituintes do espaço cuja produção é social (Lefèbvre);

b) Definição de **Ambiente** e **lugar** são termos próximos, sendo o **lugar** um termo concreto. termos:

Atos e acontecimentos podemos dizer, “têm lugar”. O lugar pode ser entendido como uma “totalidade constituída de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura, cor (Norberg-Schulz); Distintas atividades exigem distintos lugares. Mas o lugar é um “aqui” concreto, com particular identidade, e não apenas uma “função”, como distribuição e dimensionamento;

Por ser uma totalidade qualitativa de natureza complexa, os conceitos analíticos “científicos”, sozinhos, não conseguem definir os lugares, reduzindo-os a conhecimento neutro e objetivo. Assim, perde-se de vista o *mundo-da-vida* cotidiana. Essas considerações remetem ao termo **ambiência** como o lugar físico com particularidades sensíveis (material, forma, cor), com identidade qualitativa, estética, e apropriado às atividades humanas.

Os espaços com ambiência sugerem espaços que foram elaborados total ou parcialmente pela manipulação do homem.

Para encarar esta complexa tarefa de construção preliminar do conceito guia *boa ambiência*, recorreremos:

- a) ao apoio de autores que tenham refletido sobre o espaço em diferentes disciplinas;
- b) ao conceito de *tectônica vernácula*;
- c) o apoio das diretrizes da Agenda 21.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP Salas 20-21 - CAC
email: jubleite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
Mestre em Filosofia – UFPE
email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

Deve ficar claro que a junção sugerida não é apenas temática, mas, sobretudo, uma correspondência de posturas entre investigadores.

No conjunto de autores selecionados, de conceitos e de planos e programas selecionados vemos a preocupação comum por uma compreensão unificada do espaço como fenômeno de múltiplas determinações e não fruto de abstrações mentais. Nesse sentido, a compreensão desse fenômeno nos alerta para essas “qualidades” do lugar (aspectos físicos, atividades concretas/modos de vida) que são eleitas como valores e incorporadas ao espaço, como produção própria de um grupo social.

Tal compreensão levanta **três suspeitas**: a **primeira** aponta que o espaço de vivência não é uma coisa ou conjunto de coisas. Ele é produzido por forças de grupos sociais, conjugando múltiplos interesses e ações. Em suma, o espaço é produzido socialmente e constituído de múltiplas determinações. A **segunda** suspeita diz respeito à compreensão do fenômeno do espaço como algo unificado, total, cuja apreensão antecede o conhecimento positivo sistematizado e mensurador do ponto de vista da ciência. Não se trata de negar a interpretação científica, mas de trazer a identificação de valores e suas qualidades constituintes advindas da **ambiência-vivência** do espaço em cidades pequenas. Por último, a **terceira** suspeita. É possível que o resultado dessa investigação – trazer à luz valores referenciados a qualidades do espaço em cidades pequenas – possa contribuir como um dos conhecimentos preliminares de planos de ação, avaliações e projetos no âmbito local.

▪ A contribuição do conceito *Tectônica vernácula*

O termo ‘vernáculo’ tem origem no latim “*vernaculum*”, proveniente de “*verna*”: assim era denominado o escravo nascido na casa do senhor. A partir da Idade Moderna passou-se a lhe atribuir o significado de “o que é local”. Mais particularmente foi o nome que se deu às línguas nativas de um país ou de uma localidade com o objetivo de designar, por exemplo, o espanhol e o português, em contraposição ao Latim, uma língua oficial (HOUAISS, 2001).

Atualmente estes espaços se desenvolvem e se constroem sem qualquer controle normativo ou

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo – USP Salas 20-21 - CAC
 email: jubleite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

institucional. Mesmo hoje são raras as cidades que possuem Código de Obras, ou no melhor dos casos, legislação operacional. Fato é que tais qualidades, historicamente estabelecidas, vêm se fragilizando nas últimas décadas. Citam-se os processos de verticalização acelerada, expansão da malha urbana, invasão dos espaços públicos, descaracterização do casario tradicional, transformação de largos e pátios em “praças”, etc. Decorre desta situação a necessidades de estudos como os propostos aqui (SOUZA, ARAÚJO, ESPOSITO, CORDEIRO, 2010).

Por outro lado, o antigo status urbano tem levado a uma ação patrimonial algo tardia como a preservação do Centro Histórico de Brejo da Madre de Deus, que atualmente realiza uma revisão e complementação do dossiê de Tombamento aberto em 1985 e que ratificava uma recomendação do Plano de Preservação dos Sítios Históricos do Interior, elaborado em 1979 pela Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco/FIAM.

▪ A contribuição dos autores

Apresentamos algumas sínteses de como cada autor selecionado contribui com a noção *boa ambiência*; como inspiraram procedimentos e conteúdos para explicitação das qualidades dos espaços a serem investigados nas cidades pequenas.

Estratégias a partir de Lefèbvre

A unicidade e a produção social são pressupostos centrais da teoria do espaço social em Lefèbvre (1974). Segundo ele, a limitação dos conhecimentos disponíveis e as múltiplas visões setorizadas das disciplinas exigem uma posição metodológica que privilegia os seguintes pontos:

- a) Estabelecer uma proposição segura que sirva de instrumento de pensamento e ação (p. 26).
A proposição é: o espaço (social) é um produto social. Aqui nessa seção ele pergunta: se o espaço configura relações sociais, como e porque o faz? E que relações são essas?
- b) Reconhecer que cada sociedade produz um espaço; seu próprio espaço (p. 31). O espaço assim produzido incorpora ações sociais seja individual, seja coletiva.
- c) Reconhecer que o espaço social não é uma coisa entre coisas, um produto entre produtos, ele incorpora a dinâmica de operações, não podendo ser reduzido a um simples objeto (p. 73).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP Salas 20-21 - CAC
 email: jubleite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

Ao mesmo tempo não é irreal ou ideal.

Como Lefèbvre, que lança uma premissa para pensar o problema do espaço, procuramos montar uma noção preliminar que apreenda a complexidade do espaço social das cidades pequenas e que sirva como instrumento de pensamento e ação. Nesse sentido, o espaço social não é constituído por uma coleção de coisas ou um agregado de dados, nem tampouco um vazio encapsulado como um pacote. **Boa ambiência** reúne aspectos qualitativos do espaço cuja produção é social. Aqui está embutida a prática social de agregar qualidades (especiais / importantes / positivas) como um bem da comunidade e seleciona esses bens como valor. Em essência, falar em boa ambiência é se referir a valores, isto é, aquilo que é significativo para um determinado grupo social.

Vale salientar que a decisão de escolher o que é valor emerge de um processo do sujeito social no mundo e só pode ocorrer senão a partir de sua facticidade. É histórico, concreto e não abstração. É produzido socialmente.

Estratégias a partir de Merleau-Ponty

A compreensão fenomenológica do mundo. A obra Fenomenologia da Percepção descreve a experiência perceptiva do espaço no âmbito da compreensão do mundo e do homem. É a experiência primeira descrita, retornando à mais originária, à matriz de onde surge o mundo (material e social).

No início do prefácio ele diz: “A fenomenologia é o estudo das essências (...). Mas é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira que não a partir de sua facticidade (p.1). Logo em seguida afirma que busca um relato do espaço, do tempo, do mundo vivido.

A essência, na fenomenologia de Merleau-Ponty não é uma metafísica desvinculada da existência, pois só na experiência vivida é que ela realmente é. A facticidade é aqui a condição de que o mundo está sempre aí, presente, anterior ao objeto (mundo) que a reflexão pretende compreender.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP
 email: jubleite@uol.com.br Salas 20-21 - CAC
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

Nesta condição, por conseguinte, o sentido das reflexões empreendidas por Merleau-Ponty é ter entrelaçado na noção e compreensão de mundo o subjetivismo e o objetivismo. Por isso ele enfatiza: “trata-se de descrever, nem de explicar nem de analisar”. Descrever é formular uma experiência perceptiva do mundo intimamente ligada ao mundo que precede qualquer conhecimento sobre o mundo. Experiência perceptiva como ato originário (primordial) do imbricamento subjetivo do homem com o mundo, do sujeito com o seu exterior. Daí, concluir, sob a influência de Husserl, que retornar a esse mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação é abstrata, dependente (p. 4).

As observações sobre a compreensão existencial são cruciais no trato da *boa ambiência*, pois seu sentido ocorre no “espetáculo do mundo” e o mundo seria cada cidade pequena em particular. É, pois, das nossas vivências no mundo, por meio da mata, da rua, das vizinhanças com seus costumes, do acolhimento nos espaços públicos tradicionais e desejados que surge o sentido. Sentido como aquilo no qual se sustenta a compreensibilidade de alguma coisa. No caso, da boa ambiência por meio de seus aspectos qualitativos.

Estratégias a partir de Norberg-Schulz As idéias aqui expostas referem-se àquelas contidas no livro *“Genius Loci. Towards of a phenomenology of architecture”*. Nele, Norberg-Schulz tematiza que a “arquitetura representa um meio de dar ao homem uma base existencial”.

O autor diz incorporar e desenvolver o resultado de outras investigações suas que apóiam o objetivo do livro, qual seja, elaborar um primeiro passo para uma “fenomenologia da arquitetura, entendida como uma teoria que compreende a arquitetura em termos existenciais, concretos”. Em linhas gerais listamos alguns pontos que interessam à *boa ambiência*:

- a) Conhecimento e percepção dos espaços. O ambiente influencia os seres humanos e isso implica que o propósito da arquitetura vai além das definições redutoras do funcionalismo. Paralelamente, a interpretação científica não é suficiente para dar uma base referencial; são também necessários os conhecimentos relativos à percepção e à simbolização humanas.
- b) Revelando significados. A arte, vale dizer, a obra de arte concretiza “situações vividas” que se

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP Salas 20-21 - CAC
 email: jubrite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

apresentam através de símbolos. É da condição humana experienciar situações vividas como significativas.

- c) Buscar outras contribuições. A contribuição científica é necessária e bem vinda. Entretanto, outros métodos são esclarecedores do ponto de vista compreensivo. Quando se observa a arquitetura apenas analiticamente, há perda de caráter ambiental concreto, aquele valor que é objeto de identificação humana e que fornece o sentido de uma base existencial.
- d) Espaço existencial. É da relação natural, originária, entre o ser humano e seu ambiente que emerge o conceito de “espaço existencial” cuja busca é uma compreensão concreta – física, perceptiva, social – do ambiente. Espaço, caráter, orientação, identificação são situações diretamente relacionadas com a arquitetura e assim devem ser avaliadas para manter a concretude das situações vividas.
- f) O fenômeno do lugar, atributos e o caráter ambiental. Vivemos entre coisas concretas como os objetos que nos rodeiam. Mas nossa vivência também consiste de coisas não tangíveis, como a emoção. Logo, coisas concretas e emoções fazem parte do conteúdo de nossa existência.

As coisas concretas constituem nosso mundo dado e são, não raro, complexas. São seres humanos que incluem outros. Florestas de árvores. Cidades de casas. Podemos afirmar que alguns fenômenos formam ambiente (environment).

Um termo concreto para ambiente é “lugar”. É no lugar que os fatos ocorrem. Mas lugar é mais do que a locação abstrata. Em *Genius Loci* lugar significa a totalidade formada ou constituída de coisas concretas, tendo atributos que as distinguem: substância material, formato, textura e cor. Tudo isso conjuntamente determina o caráter ambiental segundo Norberg-Schulz.

Estratégias a partir de Alexander

É de se esperar que partes dos núcleos urbanos estudados ainda apresentem um desenvolvimento harmonioso decorrente de certos pressupostos como a utilização de um “crescimento em pequenas doses” ou do “uso de padrões arquitetônicos e urbanos coletivamente estabelecidos” (ALEXANDER, 1976, 1979). Esse desenvolvimento harmonioso é

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP Salas 20-21 - CAC
 email: jubleite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

um dos constituintes da *boa ambiência*.

Para Christopher Alexander (1979) a arquitetura vernácula possui como princípio geral um *processo de construção intemporal* resultante de uma contínua adequação ao usuário e ao meio.

Onde se destacam:

1) Princípio do crescimento em pequenas doses. A construção empreendida dentro de cada etapa proposta, dimensionada por projetos os menores possíveis. Correspondendo a um processo contínuo de obra, sem anulação das etapas anteriores da edificação (acréscimos ou puxadas fazendo parte do processo);

2) Princípio dos padrões. A construção e o desenho guiados através de uma coleção de princípios de planificação comunitariamente adotados chamados padrões. Correspondendo a adoção por uma comunidade de uma linguagem formal e técnica comum, atendendo a uma necessidade.

Tais princípios baseiam um processo de crescimento sem ruptura de etapas, que explicaria a harmonia mantida em pequenas povoações que não praticam institucionalmente o controle territorial.

▪ A contribuição da Agenda 21

Meios para uma cidade sustentável

Discutir o espaço da *boa ambiência* não deve contemplar apenas a questão teórica. O debate deve ser ampliado no futuro crescimento dos pequenos núcleos cujo rumo é assunto inadiável para o cidadão e a comunidade e por isso não pode ser circunscrito à Academia. Nesse sentido, a contribuição conceitual e operativa da Agenda 21 Local é enriquecedora porque espacializa nas cidades, por força dos grupos sociais, os desejos e problemas a serem superados, visando o bem social e melhora da qualidade do ambiente.

A Agenda 21 é um documento que reflete a insatisfação da sociedade atual em atingir uma melhor qualidade de vida sem descuido do ambiente, utilizando os recursos e a participação local. Apoiado pela ONU, esse documento foi formalizado na Conferência Rio 92, cujos termos são tratados em quarenta capítulos organizados em seções temáticas: Seção I - Dimensões sociais e econômicas; Seção II – Conservação e recursos para uma gestão dos recursos para o desenvolvimento; Seção III – Fortalecimento do papel dos grupos principais; Seção IV – Meios de

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP Salas 20-21 - CAC
 email: jubleite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

execução.

A Agenda 21 Local é um foco no capítulo 28 da Seção III que trata da iniciativa municipal. Seu papel é a atuação espacializada, definindo estratégia programa operativos que desenvolverão em um município, em um futuro próximo, para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos.

“Em nenhuma parte a humanidade esteve mais alijado da natureza orgânica, do que sob as condições de vida das grandes cidades”. Com esta frase, o documento Agenda 21 apresenta o propósito de justamente buscar meios, processos, de garantir essa natureza orgânica que se perde ao se viver em grandes centros urbanos, sob a idéia de reconduzir o desenvolvimento por um caminho no qual não se produzam grandes disfuncionalidades.

Segundo o documento “A Agenda Local 21”, deve-se promover um conceito de cidade flexível e integral que permita a análise de objetivos múltiplos o ajuste às novas necessidades no qual as decisões integrem de forma gradual, as questões econômicas, sociais e ambientais a processos economicamente eficientes, socialmente equitativos e ecologicamente racionais (Garcia, 2002). Processo em que a autoridade local trabalha em conjunto com todos os segmentos da comunidade para traçar planos de longo prazo que permitam que as cidades se tornem sustentáveis, reconhecendo a diversidade de suas várias naturezas.

A agenda 21 define critérios de sustentabilidade desde os filosóficos e os programas operativos. Propõe fenomenologicamente “ir às coisas”, vivenciar os lugares, para poder conhecê-lo; metodologicamente, ser instrumento de sensibilização cidadã (princípios da democracia, transparência e participação vicinal).

8. Procedimento Metodológico

Construção do conceito *boa ambiência*

O propósito é adotar a *boa ambiência* como noção qualitativa e operativa dos espaços em cidades pequenas. Com esta noção, explicitamente pretendemos lançar algumas idéias preliminares que sirvam de partida para um procedimento descritivo e interpretativo dos patrimônios existentes instalados (físico, construído, social e econômico) dessas pequenas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP
 email: jubleite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

idades, destacando como constituintes: a) seus centros urbanos como centralidades espaciais e sócio-culturais da comunidade; b) os elementos da natureza como seu patrimônio natural e paisagístico.

Com a aplicação desse procedimento esperamos uma leitura interpretativa preliminar de pequenas cidades à luz do conceito de *boa ambiência* abrangendo a base físico-territorial, ambiental, paisagística, arquitetônica e ações da comunidade sobre esta base. A leitura deve ser entendida como um conhecimento inicial integrado expresso em esquemas gráficos: 1) fotos de satélite das cidades e modelo tri-dimensional do conjunto território-ambiente urbano; 2) conjuntos temáticos geográficos, das redes de comunicação, do assentamento urbano, suas redes viárias, morfologia das quadras e dos conjuntos arquitetônicos, da paisagem. Nessa leitura seriam explicitadas de modo simples aquelas qualidades locais da *boa ambiência-vivência* como bens da coletividade, algo produzido, aceito e referenciado como valor.

Para a leitura e caracterização dos núcleos urbanos, a proposta é trabalhar com três categorias de análise: 1) Território e paisagem; 2) base física existencial; 3) Estrutura do lugar.

A estratégia conceptual e operativa absorve as contribuições de fontes e procedimentos que permitam caracterizar os constituintes do espaço como elementos concretos, mas também que expressem o conceito de boa ambiência. Nesse sentido, indicamos nos autores fontes a serem consideradas:

- | | |
|---|--|
| 1) Norberg-Schulz | Elementos que estruturam o lugar: extensão, fechamento, figura-fundo, centralização, direção, ritmo. |
| Caracterização da estrutura do lugar | |
| 2) Plano de preservação de Brejo | Grau de caracterização do conjunto edificado: tradicional, vernáculo, contemporâneo |
| 3) Agenda 21 local | O ecossistema urbano; fluxos de matéria e energia; a participação. |
| 4) Gordon Cullen | Elementos que concorrem para uma definição de ambiente: visão serial; localização; organização. |

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA

Prof. Maria de Jesus de Brito Leite Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP email: jubleite@uol.com.br	F. 55-81-21269303/21269771 Salas 20-21 - CAC
Prof. Gilson Miranda Gonçalves Mestre em Filosofia – UFPE email: gmg2000@uol.com.br	



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

9. Disponibilidade efetiva de infraestrutura e de apoio técnico

Além da equipe efetiva do LIA, este projeto contará o apoio técnico especializado dos parceiros e colaboradores e de seus núcleos e laboratórios especificados no item 11 deste documento.

1. Ambiente físico do LIA

Duas salas mobiliadas e climatizadas e um hall de estar – 40 m²

Equipamentos: 3 Notebooks / 3 computadores / impressora multifuncional / projetor (datashow) / tela de projeção / 2 mesas de reuniões

Mini-biblioteca sobre arquitetura, urbanismo, filosofia e Neurociência.

2. A estrutura da Universidade

Internet de 100 GB / Site da Universidade / Sistema Integrado de Bibliotecas da UFPE

Laboratório de Informática do Curso de Arquitetura e Urbanismo

10. Identificação dos participantes, parceiros, convidados

A presente proposta será coordenada pelo Laboratório de Investigação do Espaço da Arquitetura – LIA, um grupo de pesquisa da UFPE/CNPq, vinculado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo e ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano – MDU da UFPE.

Endereço do site do Laboratório de Investigação do Espaço da Arquitetura – LIA:

<http://www.ufpe.br/LIA>

Fone: (081) 2126 8311 / 2126 8771. Endereços eletrônicos: jubleite@uol.com.br / gmg2000@uol.com.br /

Pesquisadores LIA

Arq. Maria de Jesus de Britto Leite

Profa. Dra. MDU/CAU/UFPE

Co-coordenadora do LIA e da Linha de Pesquisa Espaço da Arquitetura e Neurociência

Fone: (81)43591454

Endereço eletrônico: jubleite@uol.com.br

Arq. Gilson Miranda Gonçalves

Prof. Md. CAU/UFPE

Co-coordenador do LIA e da Linha de Pesquisa *Espaço da Arquitetura e Fenomenologia*

Fone: (081)34412778

Endereço eletrônico: gmg2000@uol.com.br

Arq. Roberto Antônio Dantas de Araújo

Prof. Dr. CECI-UFPE

Pesquisador do LIA e coordenador da Linha de Pesquisa *Estratégias dos Espaços Vernáculos*

Fone: (81) 97313578

Endereço eletrônico: robertodaraujo@hotmail.com

Arq. Giselle Cerise Gerson

Aluna MDU/DAU/UFPE

Endereço eletrônico: gisellecerise@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA

Prof. Maria de Jesus de Britto Leite F. 55-81-21269303/21269771
Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP Salas 20-21 - CAC
email: jubleite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
Mestre em Filosofia – UFPE
email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

Estudante Alison Jorge Alves Carmo

Aluno CAU/UFPE

Endereço eletrônico: alisoncarmo@yahoo.com.br

Estudante Gabriela Rabelo Nassar

Aluno CAU/UFPE

Endereço eletrônico: gabi.rabelonassar@hotmail.com

Estudante Edmilson

Aluno CAU/UFPE

Endereço eletrônico: Edmilson_filho@hotmail.com

Hugo Carlos

Aluno CAU/UFPE

Endereço eletrônico:

Barbara Silva e Souza

Aluno CAU/UFPE

Endereço eletrônico: babiss__@hotmail.com

Parcerias estabelecidas **Laboratório de Estudos Avançados em Arquitetura e Urbanismo – LA2 – DAU/MDU/UFPE** – Colaboração na área de análise qualitativa de centros urbanos.

Arq. Luiz Manoel do Eirado Amorim
 Prof. Dr. MDU/CAU/UFPE
 Endereço eletrônico: Amorim.l@gmail.com

Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e do Desenvolvimento – D&R – Colaboração na área de informação sócio-econômica de centros urbanos e de regiões.

Cientista político Marcos Ferreira da Costa Lima

Prof. Dr. Ciência Política/UFPE

Endereço eletrônico: marcoscostalima@terra.com.br

11. Cronograma

Os passos metodológicos que conduzem a pesquisa no tempo de três anos são:

- Elaborar e testar um modelo analítico preliminar que se constitua como a base conceptual comum – a *boa ambiência* – a ser aplicada na compreensão das cidades de pequeno e de médio porte;
- Aplicar o modelo analítico preliminar nas cidades que fazem parte do universo da pesquisa;
- Proceder à caracterização das cidades a partir do conceito de *boa ambiência e de tectônica*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
 DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo – USP
 email: jubleite@uol.com.br Salas 20-21 - CAC
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

vernácula;

- Proceder a uma relativização das condições de boa ambiência das cidades-entorno com a cidade-pólo, para evidenciar qualidades urbanísticas e vivenciais.

CRONOGRAMA

ATIVIDADES	ANO 1				ANO 2				ANO 3			
1. Elaborar e testar modelo analítico	■	■	■									
2. Aplicar modelo analítico												
Brejo da Madre Deus			■									
Riacho das Almas			■									
Frei Miguelinho				■								
Toritama				■								
Santa Cruz do Capibaribe				■	■							
São Caetano				■	■							
Altinho					■							
Agrestina						■						
São Joaquim do Monte							■					
Bezerros							■					
3. Proceder à caracterização das cidades				■	■	■	■	■				
4. Relativizar com Caruaru									■	■	■	
5. Concluir												■

12. Bibliografia referenciada

Ciência

BULLNOW, Otto Friedrich. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

COUTINHO, Evaldo. **O espaço da arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FOCILLON, Henri. **Vida das formas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1983.

JAMMER, Max. **Concepts of space: the history of theories of space in physics**. Cambridge: Harvard University Press, 1954.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA
Prof. Maria de Jesus de Brito Leite F. 55-81-21269303/21269771
 Doutora em Arquitetura e Urbanismo –USP
 email: jubleite@uol.com.br Salas 20-21 - CAC
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
 Mestre em Filosofia – UFPE
 email: gmg2000@uol.com.br



Laboratório de Investigação do Espaço na Arquitetura - LIA

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERTHOZ, Alain. Recht (2005). *Les espaces d'Homme*. Paris: Odile Jacob, 2005.

LEFÈBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Ed anthropos, 1974.

Teorias da arquitetura e do urbanismo

BRITTO LEITE, Maria de Jesus. GONÇALVES, Gilson M. O espaço como investigação da arquitetura. In Ruth Verde ZEIN (org). Projeto como investigação. Antologia. São Paulo: Editora Alter Market, 2009.

GARCIA, Esther Higuera Garcia (2002). **A Agenda Local 21**. Madrid: Maireia Livros

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli, 1980.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Intenciones em arquitectura**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1979.

Arquitetura vernácula

ALEXANDER Christopher. Urbanismo y Participación – El Caso da Universidad de Oregón Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1976

ALEXANDER, Christopher. El Modo Intemporal de Construir. Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1979

Carta sobre o Patrimônio Construído Vernáculo” do ICOMOS. Carta ratificada pela 12.ª Assembléia Geral, no México, em Outubro de 1999.

SOUZA, Neide F. ARAUJO, Roberto A. D. ESPOSITO, Daniella F. CORDEIRO, Cristiane F. (coord). Plano de Preservação. Revisão dos parâmetros normativos do Centro Histórico da Cidade do Brejo da Madre de Deus. Diagnóstico, Propostas e Anexos. Recife: Governo de Pernambuco / Fundarpe, 2010.

TEIXEIRA, Manuel. As Formas Urbanas das Cidades de Origem Portuguesa. Portugal: Centro de Estudos de Urbanismo e de Arquitetura (CEUA), ISCTE/Ministério da Ciência e Tecnologia: Rev. No. 2, setembro/2000, in www.urban.iscte.pt, acesso em 03/05/2005.

VELOSO, Maísa. Adequação da arquitetura a climas quente e seco: o caso da arquitetura vernacular no Sertão Nordestino. Artigo, V Encontro de Conforto no Ambiente Construído. Fortaleza,

Cidades pequenas

BACELAR, W. K. A. A Pequena Cidade nas Teias da Aldeia Global: as Relações e Especificidades Sócio-Políticas nas Pequenas Cidades de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara – MG. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia). Instituto de Geografia – UFU. Uberlândia, 2008.

CORRÊA, R. L. Globalização e Reestruturação da Rede Urbana – Uma Nota Sobre as Pequenas Cidades. In: Território. Ano IV, nº 6, (jan./jun. 1999) – Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

GONÇALVES, F. E. Cidades Pequenas, Grandes Problemas: Perfil Urbano do Agreste Potiguar. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN. Natal, 2005.

MEDEIROS, M. S. S. A Produção do Espaço das Pequenas Cidades do Seridó Potiguar. Dissertação (Mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN. Natal, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Coordenadores do LIA

Prof. Maria de Jesus de Britto Leite F. 55-81-21269303/21269771
Doutora em Arquitetura e Urbanismo – USP Salas 20-21 - CAC
email: jubleite@uol.com.br
Prof. Gilson Miranda Gonçalves
Mestre em Filosofia – UFPE
email: gmg2000@uol.com.br